

Luz,
câmera,
ação.

Oficina de Reportagem

Outra Pauta

GAZETA DO PARANÁ

Um grande jornal todos os dias.

Segunda-feira, 21/07/2008 - Paraná

Ed. 14 / Ano I



Hic et nunc

Editorial

Assim como na filosofia, a arte também tem os seus momentos de absoluto. A diferença está na forma pela qual essa dimensão se abre de forma distinta nos dois campos. Enquanto na primeira o absoluto se vislumbra por meio da imanenência de um conceito, na outra é o conjunto das sensações que virtualmente estão codificadas, seja em sons, pigmentos, formas, volumes, diálogos e assim por diante. Razão e sensibilidade. Abstração e percepção.

Cinema. Nenhuma outra arte agencia tantos elementos simultâneos à percepção. Imagens em movimento que fixam algo no tempo.

A captura da luz que se liberta da opacidade do real – zona de onde advêm todas as sombras da matéria –. Sincronia e continuidade. Imagem e som. Luz e sombra.

Para dentro do plano do cinema em Cascavel um espaço filmico desejante porque sempre dado segundo a lógica das metonímias. A parte pelo todo. O enquadramento pelo fora de cena. A imagem cinematográfica é da ordem dos pressupostos – o ponto de fuga para o qual convergem todas as ilusões dessa arte. A iminência da imagem como elemento de retórica – artifício que potencializa o visível porque, ao não revelar uma imagem imediata, transforma essa mesma imagem naquilo que se deseja ver, ou melhor, no próprio desejo de ver –. Para além das imagens. Tudo no cinema começa com o escuro na sala de projeção.

A virtualidade percorrida pela luz que é interceptada pelo écran da tela. Não existe projeção sem obstáculo. Antes de se fazer cinema é fundamental desejar cinema.

E em Cascavel é perceptível essa vontade quando iniciativas como o Festival de Cinema da cidade encontram-se com a espontaneidade dos olhares de todos os participantes do Cineclubes Silêncio. A obstinação de todos aqueles que aprenderam por si próprios a navegar nesses ventos indecisos e nem sempre favoráveis. Cascavel merece mais cinema. É um desejo antigo, muitas vezes tangenciado. A tela enquanto pele oferece seu tato à luz. Como já se sabe na arte do cinema, sem obstáculo não existe imagem.

A criação de um rosto para o cinema na cidade é algo que se constrói coletivamente no enfrentamento das

dificuldades que são inerentes a esse tipo de atividade. Aqui felizmente se começa a fazer cinema porque se entende o quão precário cada elemento fica se isolado. O absoluto como solvente do 'quase', do incompleto porque pouco. O elemento humano para tanto já o temos, mesmo que embrionário.

Essa edição de nosso Outra Pauta abriu espaço para cada um dos participantes da oficina trazer à página sua pátria no continente das imagens que se movem. Ekphrasis – termo da retórica cujo significado diz respeito à arte de recriar através da linguagem a potência estética de expressão de uma obra artística. Não existe outra melhor definição para o que deve cumprir uma

resenha num suplemento cultural. Aprender a descrever uma obra de arte. Deixá-la falar por si mesma. Momentos de um exercício voltado aos detalhes. Aprendizagem

do olhar – isso também é cinema. Cada um escolheu um ou mais filmes que permitissem uma melhor transposição para os universos da palavra. Algo de poético nisso tudo. Como dizia o poeta americano Ezra Pound, poesia é linguagem carregada de sentido. Quando as palavras conseguem afetar quem as recebe existe então uma manifestação poética na medida em que esse efeito persiste na memória do receptor.

Toda a arte também é poesia então. Tudo é luz e obstáculo. O resto é escuridão. Poesia, a força que coloca as palavras em movimento. E aqui também se faz poesia com a mesma obstinação com que se faz cinema. Também aqui no interior sim. Aqui, no coração de todos que sabem que grande é a espontaneidade, para além do ranço pretensioso que disfarça ruínas em outros lugares. É hora de depor as pequenas maldades paroquiais. A generosidade com que o público de Cascavel acolheu projetos como o Gazeta ALT e o próprio Outra Pauta é uma energia que permite desarmar um pouco o espírito e acatar todas essas possibilidades. Vamos todos juntos curtir essa grande festa (isso é uma paráfrase de Come Together, dos Beatles). O Outra Pauta aproveita esse espaço para prestar seu apoio e cumplicidade de intenções para com todos os que participam, organizam e fazem cultura em Cascavel. Todos são imprescindíveis. ☐

Prof. Dr. Sílvio Demétrio



CRÔNICA
ANTES DA PIPOCA ACABAR

J. Du Me (Jornalismo - UNVBL)



Arte imita a vida ou a vida imita a própria vida? Quem são nossos heróis, vestidos de colan Justinho a pular de prédio em prédio dependurados em nossos sonhos sempre palpáveis? Qual foi a última vez que alguém chorou ao ver o seu final feliz? Quantos quilos de pipoca precisam ser devorados, para que a esperança retorne, para que a mocinha seja salva, para que no final prendam o grande vilão e para que os letrados ergam-se como bandeira hasteada a meio pau em sinal de luto ao cinema nacional?

A arte imita sim a vida. A vida que queremos quando as luzes se acendem, procurando por algo perdido nas cadeiras almofadadas do cinema que virou igreja. Quem salvará Zion, Mister Anderson? Quem salvará Mister Anderson?

Queria eu ter o sonho americano, da América libertadora, com suas torres gêmeas e tudo que isso significa anos após o setembro vermelho. Queria poder voar, tocar o céu e dançar na chuva como índio pataxó. Dar a volta em 80 dias em torno de minhas lembranças esquecidas, em balões que me levarão a lugar nenhum. Ser valente, com mais 300 amigos, massacrar o bairro japonês. A hora do pesadelo vai passar, Mary Poppins? Quem será o herói que morrerá por nós hoje? Superman não supera a superfície, nós mortais vivemos no fundo. Mergulhe.

Aqui a sombra projetada na parede não é real, enquanto Peter Pan não vier nos ensinar a mentir. Neverland está mais perto, onde o dançarino trocou de cor. Qual coelhinho seguir? Qual trem tomar? A pilula azul ou a vermelha nos desligará das ilusões? O expresso é só um café? Leve-me ao seu líder, terráqueo. A força ainda está do teu lado? Bem-vindo ao lado negro da força.

Olhai por nós, Mr. Magoo. Porque no bunker todos somos soldados na linha de frente. Porque somos 101 desamparados por Alladin, em terras onde cavalos voam, mas sonhos têm as asas cortadas.

Não se engasgue com a pipoca antes da sessão das dez, nem es quente nada além da tela. Traduções sempre fiéis essas dos filmes em português, mesmo que o sotaque pareça estrangeiro.

Aqui manda Zé Pequeno. Manda o Baiano enquanto a elite não subir o morro. Nossos heróis são mais palpáveis. Sofrem de estresse e ganham pouco. Não é fácil ser herói nacional. Heróis são nossos cineastas, valentes de Davi. Portadores da tocha olímpica a ser acesa no fundo das conquistas sob um céu de abril. Obrigado, irmãos Lumière. Hoje os filmes rodam dentro de DVDs, e beijinho no escuro ainda tem graça quando se conta aos amigos. Nada além de termos vontade e suor. Ainda que não seja o Oscar, um brasileiro. Ainda que brilhe o sol em Hiroshima. ☐

AS HORAS
DE ESCOLHA
EM ESCOLHA,
O IMPORTANTE É
VIVER

Bruna Hissae (Jornalismo - UNIPAR)

Caminhando em um bosque com passos curtos e rápidos, a todo o momento ela olhava para trás, afilta. Com os raios de sol atravessando as árvores, tudo poderia continuar pacificamente se não fosse a narração triste da carta de suicídio. É nesse clima tenso que começa o filme As Horas.

O filme foi feito com base no livro de Michael Cunningham, que trabalha de uma maneira surpreendente a histórias de três mulheres de épocas diferentes que possuem um único vínculo: o romance "Mrs. Dalloway", de Virginia Woolf.

Laura Brown não é uma perfeita dona de casa. Grávida pela segunda vez, não conseguia fazer um simples bolo para o aniversário do marido nem com a ajuda de Richard, seu filho. Morando em uma aconchegante casa em Los Angeles, 1949, onde passa os dias em casa deitada na cama, alimentando a frágil aparência. Laura nunca se sentiu contente em ter uma família, em especial em ter um marido, e tudo começou a piorar quando a vizinha, uma mulher maquiada e muito bem resolvida, a quem Laura admirava, descobriu que estava com câncer.

Clarissa Vaughn é uma respeitada editora e mora em Nova York, 2001, com sua parceira. Seu passatempo preferido é dar festas para esconder os problemas que carrega por dentro. Clarissa possui um amigo, soro positivo que será homenageado em uma festa por ter recebido um prêmio pelo livro que escreveu. Amigo que já foi uma paixão e que a abandonou por outro homem.

Já Virginia Woolf foi levada pelo marido para viver numa região afastada de Londres, devido a problemas de saúde e orientações médicas. Após ficar surpresa como o suicídio de uma elegante socialite que nunca mostrou problemas, Virginia começa seu romance "Mrs. Dalloway", em meados de 1923.

Em um dia ensolarado, em que o verde se torna mais verde, Virginia recebe a visita da irmã e dos sobrinhos. Nem o barulho ensurdecedor que as crianças fazem consegue tirar da cabeça da escritora os personagens do livro. Só quando a filha mais nova da irmã aparece com um pássaro morto é que Virginia volta à realidade. Depois do enterro da ave ela decide que a personagem central de seu livro também irá morrer.

Logo após ser rejeitada por ter dado um beijo na boca da vizinha, Laura decepcionada resolve pôr um fim na dor e na angústia que carrega por dentro, mas, antes, com a ajuda do filho, ela faz um novo bolo de aniversário. Com alguns comprimidos dentro da bolsa e enfrentando uma batalha interior, Laura sai de casa e deixa, com um abraço triste e com lágrimas nos olhos, o filho na casa de uma conhecida e segue para um hotel. Nem o grito cortante de desespero que o filho dá faz com que ela mude de ideia e que volte. Já no hotel, ela continua a ler o livro. E no mesmo momento em que Virginia decide não matar sua heroína dentro do livro, Laura desiste do suicídio.

Em uma manhã gelada, Clarissa passa pela floricultura e segue para o encontro do amigo. Já muito doente, e com uma aparência que a palavra doentia não consegue demonstrar por si só, o homenageado da noite não faz questão alguma de participar da festa. Em uma discussão que traz à tona o relacionamento dos dois no passado, Clarissa o convence de participar da reunião e combina que mais tarde ela voltaria para ajudá-lo a se vestir, e assim se despede com um beijo.

Horas mais tardes, no mesmo apartamento, a editora encontra seu amigo alterado devido à alta dose de remédio que ele havia tomado. Os diálogos acontecem com ele dando claros sinais de que não se importava mais em viver. No clímax da cena Richard abre a janela e se joga. Nesse momento Virginia decide matar o personagem secundário de sua história.

Questionado pelo marido sobre qual seria a razão e de onde surgia a vontade incessante de matar alguém no romance, Virginia disse que isso era necessário para que as outras pessoas aprendessem a dar valor à vida e para mostrar que mesmo que pessoas queridas se vão, é necessário seguir em frente. Quase uma justificativa para o marido pelo que ela iria fazer.

Após o suicídio de Richard, a mãe dele aparece. Uma senhora com aparência muito frágil chamada Laura Brown. É nesse momento em que as histórias se unem. O livro em que Richard contava a história da vida dele, em que aparecia a história de Laura e Clarissa. Em um momento emocionante Laura explica o que aconteceu após ter dado a luz ao seu filho. Ela, assim como Mrs. Dalloway, só via a morte pela frente, mas escolheu outro caminho para encontrar com a vida, coisa que Virginia não conseguiu fazer. ☐



Foto: B. Hissae

LITERALMENTE
UM HINO AO AMOR

Amábyle Sandry (Jornalismo - FRG)

"Não, absolutamente nada. Não, eu não lamento nada. Nem o bem que me fizeram. Nem o mal. Isso tudo me é indiferente. (...) Está pago, varrido, esquecido. Dane-se o passado".

Tradução de "Non, je ne regrette rien" - Edith Piaf

Uma sucessão de perdas intercalada por aplausos. A dor, a alegria. Os tons sóbrios e frios retratam o cenário de uma vida que não passou despercebida. São tantas, são tantos, mas ela é única. Aquele pequeno pardal teria motivos suficientes para não voar. A princípio, içou vãos curtos, rasantes. As asas foram quebradas, o coração partido. Mas o pardal, que depois de um tempo não era mais pequeno, não se deixou abater.

O abandono da mãe, o descaço da avó materna, a passagem do pai, a convivência com as prostitutas no bordel onde viveu por um tempo com a avó paterna, a saúde frágil. O conjunto de situações traumáticas moldou a forma como via o mundo. Mas foi justamente no momento em que a visão lhe foi tomada que encontrou a fé. A cegueira durou cerca de oito dias, já a devoção à Santa Tereza a acompanhou até o último suspiro.

De formas diferentes, perdeu a mãe, a melhor amiga, o empresário, Tittine, Marcel e Marcelle. Perdeu a vontade de cantar, de viver. Teve a história contada de forma não linear, mas com uma linearidade de sentimentos incrível. Tinha nos olhos a expressão de criança, sempre surpresa com a vida. A rebeldia implícita, e muitas vezes explícita, teve justificativas auto-justificáveis. A rejeição, constante em quase todos os momentos, contrasta com o amor infinito daqueles que a cercaram. Quantos dos seus amigos verdadeiros lhe são fiéis, perguntaram uma vez. "Todos os meus amigos verdadeiros são fiéis", respondeu sem hesitar. E estava certa.

A carreira começou nas ruas, por acaso. Com apenas nove anos conquistou os passantes. Adjetivo que só os caracterizava como tais até ouvirem a voz daquela que nasceu para brilhar. Impossível não ficar atônito perante tanto talento. Era a jóia a ser lapidada. Num desses momentos, encontrou a chave para o sucesso. Mal levantou, caiu. Dois tombos consecutivos.

No meio da montanha-russa, a cantora francesa conheceu o amor. Naquele, cujo semblante se tornara a feição do nobre sentimento, depositou sua alma. Mesmo proibido, consciente da impossibilidade, entregou tudo.

Rezo porque acredito no amor. Respondeu à repórter, durante uma entrevista.

Ela acreditou no amor. E amou cada detalhe de sua vida. A música, o tricô. Amava o pai, Tittine, Marcel. Amava o palco, interpretar, sentir.

Narrar tamanha paixão é um desafio. (Edith amava os desafios). Retratá-los soa como um exercício de paciência, que exige uma boa dose de coragem. Os cenários, os figurinos, a escolha da trilha sonora. Interpretar alguém com tanto amor a tudo não deve ter sido tarefa das mais fáceis, porém, certamente foi uma das mais bem desempenhadas. Eis uma história que vale a pena ser contada, eis uma vida que vale a pena ser apreciada. Relembrar talentos, reviver momentos, deliciar boa música. Se todos que assistiram tiveram a mesma impressão, o esforço valeu a pena. ☐

FILMES FAVORITOS
EXIGENTE, MAS
NEM TANTO

Neyfi Müller (Jornalismo - FRG)

É impressionante como uma boa história consegue te deixar concentrado por muitos minutos. Sou fã de comédias românticas, histórias inteligentes, dramáticas e finais felizes. Minha lista de filmes preferidos é escassa não pelo fato de eu não assistir a muitos filmes, mas pelo fato de os critérios utilizados para inclusão nesta serem exigentes.

Primeiro, o filme deve me prender do começo ao fim, sem gerar a vontade de um intervalo para banheiro ou para a pipoca. Segundo, gosto de histórias que me "incomodem". Sabe aqueles filmes que você fica pensando em como resolver a vida do protagonista ou pula do sofá para avisar o personagem que tem alguém seguindo ele? É desses que eu gosto. Para me marcar, o filme deve ficar dias na minha cabeça, me fazer pensar, agir, e, acima de tudo, tem que gerar transformação.

"O Fabuloso Destino de Amélie Poulain" está incluso nesta lista pelo conjunto. O filme é francês e bonitinho; não há nada de impressionante, mas a história sensível da menina que começou a tentar realizar sonhos e encontrar um grande amor me marcou.

"Os garotos de minha vida". Que filme real e condizente com nossa atualidade. Uma adolescente promissora engravida de um "sem-futuro" e se decepciona consigo e com a vida. No decorrer do filme, a protagonista, Drew Barrymore, está conversando com sua amiga e olhando para seu filho brincar e diz: "Eu não sei se o amo porque amo, ou porque tenho que amá-lo".

O filme "Pearl Harbor" foi dirigido por Michael Bay e me atraiu porque é muito bem feito. Os atores são ótimos, o romance que "distrai" intencionalmente os espectadores é lindo e, ainda por cima, o filme também reconstrói uma perspectiva

histórica. Talvez o fato de o país altamente patriota ser o produtor do filme e também vítima do ataque relatado neste tenha influenciado e distorcido a realidade, mas isso não faz com que Pearl Harbor deixe de ser um ótimo filme.

Talvez o meu favorito seja "Lado a Lado", com Susan Sarandon, Julia Roberts e Ed Harris. Um filme triste e emocionante. A mãe de uma menina adolescente e um menino de sete anos está com câncer. O pai, separado, tem outra mulher. Esta, mais nova, tenta conquistar as crianças, que não a recebem muito bem. Acontecem muitas coisas: a mãe biológica começa a se despedir dos filhos, a nova "mãe" se adapta, e, em determinado momento, a esposa atual do pai confessa que nunca poderá ser uma mãe perfeita porque ela perdeu tudo... a primeira palavra, o primeiro passo, as histórias, os machucados... A mãe biológica, com toda sua sabedoria diz: Eu tenho o passado deles, mas o futuro todo é seu. As formaturas, os casamentos... Quem vai desfrutar disso é você. Ah, que dor no coração que dá nessa parte do filme. A lista não se encerra a i, mas talvez os próximos estejam numa categoria secundária.

O filme mais recente que assisti



Foto: B. Hissae

JANELA DA ALMA ENQUADRADOS

☒ Mariana Lioto (Jornalismo - UNIVEL)

Busquei a epifania. Queria de todos os modos e com todas as minhas forças provocar minha chegada a esse momento sublime. Desejava que de súbito conseguisse perceber a existência de algo, compreender essências, sentir o sentido do inexplicável. Procurei esse momento epifânico na natureza, pensei que árvores se unindo em bosques fossem capazes de me proporcionar o estalo. Busquei no cotidiano, nas relações pessoais, no suspiro da criança, no objeto sobre a mesa. Não estava lá, nem no natu-

ral, nem no habitual. Subitamente, percebi que meus olhos estavam algemados a uma rotina. Algo me ditava pobres significados. Não, não houve lágrimas. Apenas percebi que meus próprios olhos é que me impediam de ver.

Os olhos são a janela da alma, disse Da Vinci. Certamente não posso negar a afirmação de todo, mas ousou complementá-la afirmando que existem outras aberturas, outras fendas, por onde luzes penetram, principalmente nos casos onde "a janela" tem sobre ela cortinas fechadas.

O olhar é o tema do documentário Janela da Alma, de João Jardim e Walter Carvalho. Somos por eles convidados a pensar nossa relação com o olhar, e aprendemos a ver o ver de maneira diferente. Não é fácil desconstruir nossa ingênua idéia de que o que vemos é o real: como é estranho pensar que a realidade não é exatamente o que vemos. Já que nosso olhar é sempre condicionado pelas limitações do olho humano. Nosso conjunto de córnea, íris, cristalino, vítreo, retina e nervo óptico não é o mais eficiente da natureza, as imagens por eles captadas e enviadas para o cérebro não podem ser tidas como inquestionáveis, não vemos verdades. O depoimento de Saramago no filme diz que "se o Romeu da história tivesse os olhos de um falcão, provavelmente não se apaixonaria pela Julieta porque os olhos dele veriam uma pele que não seria agradável de ver. Porque a acuidade visual do falcão, cujos olhos o Romeu teria, não mostraria a pele humana como nós a vemos". Nossa capacidade de ver é determinada pela estrutura frágil do olho e não é exagero a afirmação do professor de literatura Paulo Cezar Lopes "cada experiência de olhar é um limite, a gente não conhece as coisas como elas são, só mediados pela nossa experiência".

Nos limitam também as convenções sociais: se aceita o modo de ser das coisas sem questionar a localização, a origem, a razão de ser de cada idéia. O ser socializado adota o hábito de olhar sem ver.

Não espere, no entanto, explicações científicas nem defesas de teses. O filme flui com os depoimentos, com imagens focadas e desfocadas, com enquadramentos inusitados, imagens poéticas. Aos poucos nos mostra que nossa percepção é limitada, que a informação vinda pelo olhar não é a única.

A lembrança como possibilidade de rever. A imaginação como possibilidade de transver. "Não acho que seja pelo olho que entram as coisas minhas, ela não entram, elas vêm, elas aparecem de dentro de mim, não aparecem pelo olho", diz o poeta Manuel de Barros. Existe uma capacidade de preencher buracos, de criar e recriar, que faz o entender de todo muito maior do que a soma das partes.

Não nos limitemos ao olhar, é possível voar mais alto, viver mais intenso. Se os olhos são a janela da alma eles forcem que vejamos tudo sob sua moldura, sob um enquadramento que não escolhemos e que é apenas uma parte, falha, do real. ☒

DO BLOG À PÁGINA (ACL II) NOVE MESES DE POESIA

☒ Kethleen Simony (Jornalismo - FRG)

Disse certa vez o poeta chileno Pablo Neruda: "escrever é fácil: você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca idéias". Há quem diga também que "cada um escreve do jeito que respira. Cada um tem seu estilo". Como Fabrício Carpinejar, que deve sua literatura à asma tal como Marcel Proust e seus parágrafos que tornam a atmosfera rarefeita. É possível conhecer algo da personalidade de alguém na medida em que se conhece a maneira com a qual essa pessoa se expressa escrevendo. Isso vale também para si mesmo. As palavras conseguem exprimir significados que muitas vezes se manifestam de forma inconsciente – foi Freud quem descobriu essa vida independente da linguagem –.

Aqui trago então a você leitor uma 'idéia' e uma 'história', que nada almejam senão serem compreendidas e lidas por você. A idéia é a vontade de divulgar cultura, que é o começo de tudo e desencadeou a criação da Academia Cascavelense de Letras. Dessa concretização importante para a vida cultural da cidade, a idéia desdobrou-se, tomando outras formas. Passou o tempo e lá se vão três anos de história.

Como toda história que se preze e está ainda "em construção", há sempre muita coisa por dizer... todo e qualquer detalhe é relevante quando o assunto é literatura. É assim, por exemplo, com uma experiência que começou pequenina, poucas palavras, algumas fotos encontradas na rede de computadores, e de alguns sentimentos do dia-a-dia. Poderia ser um diário, uma produção literária aguardando uma publicação, mas era um blogue.

- O quê? Você está falando sobre Academia de Letras e agora está falando de blogue? Daqueles que costumemente até são capazes de transgredir completamente a Língua Portuguesa da maneira mais dolorosa?

- Cthun Chtrun... Como eu ia dizendo...

Por incrível que pareça, faz todo o sentido: um espaço para colocar poesias, textos. Todos os dias poder deixar à disposição na internet, sem qualquer custo para todas as pessoas com acesso à rede verem a qualquer hora... É uma idéia realmente promissora. E olha que tem mais novidades por aí. Você ainda tem como aliar imagens, sons, e receber os comentários das pessoas que lêem o que você escreve. Quer

pesquisadora de público ou de opinião mais sincera que esta?

Para explicar melhor tudo isso, conversei com o autor. Um jornalista, advogado, e um dos fundadores e idealizadores da ACL, Dr. Antonio de Jesus. Ele descobriu o fotolog e passou a escrever todos os dias uma poesia e colocá-la à disposição dos internautas. Depois de nove meses, a obra nasceu, saiu do mundo virtual e tomou forma de um livro impresso: "UniVersos Poéticos", obra que traz um tom sóbrio, romantizado, texto marcado pela eufonia e coloquialidade, que nas palavras do prefaciador, o jornalista curitibano Luiz Geraldo Mazza, lembra a intenção de uma "Obra Aberta" - ambição de Umberto Ecco -.

O livro tem 83 páginas com imagens e poesias para serem devoradas tão logo o contato com as páginas se estabeleça – leitura de um fôlego só -. Há cinco partes que trazem, como o próprio autor diz, "o meu universo poético pessoal". Um livro de poesias interativo.

O blogue existe há três anos, e continua com milhares de acessos e comentários. Bacana também é perceber o carinho com que a obra foi criada: Dr. Jesus, não só o escreveu e ouviu a opinião de quem o leu: a partir desse contato direto com o leitor ele também produziu as páginas a serem impressas, e prossegue fielmente todos os dias a escrever e divulgar conhecimento e cultura nos canais de comunicação que estão à disposição das pessoas.

E muita gente responde as poesias com novas poesias, uma verdadeira oficina prática da 'arte de poetar'. "O autor escreve apenas metade de um livro. A outra metade fica por conta do leitor." (Joseph Conrad) poesia que, apesar de ser virtual, agora não fica só na imaginação.

A fonte que serviu de incubadora para a poesia de "UniVersos Poéticos" é o blogue do autor que o atualiza diariamente e que pode ser acessado em: <http://fotolog.terra.com.br/freeway>.

Uma visita virtual vale a pena para se comprovar que Cascavel tem escritores de fato e de direito. É bom saber e poder valorizar o que vem da nossa cultura, afinal eles também são historiadores do comum, quando retratam em verso, prosa ou poesia os nossos dias – o nosso mundo vivido –.

São obras também do Dr. Jesus "Incoerências, Pessimismos & incertezas", "Constituinte: A hora da Verdade?", "Frag(mo)mentos da Ficta Realidade – Contos Mínimos", e "Pequeno Dicionário de Termos Jurídicos para Jornalistas". Membros e participantes da Academia de Letras de Cascavel têm acesso à Biblioteca da ACL com obras dos autores da Cidade. Por enquanto o acervo fica sob os cuidados do próprio Dr. Jesus, que com a ajuda dos outros membros da ACL reúne outras obras importantes e de referência para compor a biblioteca da ACL. ☒

Poesia do livro: "UniVersos Poéticos", de Antonio de Jesus

A PALAVRA É SANTA

*escrever tem o feito de uma oração:
é tratar a palavra com cuidado, extrair dela o bom sumo,
pra dizer em prosa o que é preciso
escrever um conto, um romance,
ou dizer em versos, em poemas
dos sentimentos de admiração,
filosofar sobre as coisas da vida,
dizer com carinho que se é amigo
ou carregadas declarações de amor
para a mulher amada, namorada,
amante, seja lá o que for.
palavra é símbolo perfeito
que significa o que se vê,
o que se quer explicar, o dizer
é ouvir, é o milagre, comunicação,
saber dizer, saber ouvir, responder,
é do diálogo a essência que esclarece,
afasta a dúvida, o mal entendido,
ela é como a flor que consola,
pavimento para a conquista do outro
pelas portas do coração.*

a palavra é divino dom:
-A PALAVRA É SANTA!

O POETA O QUE É?

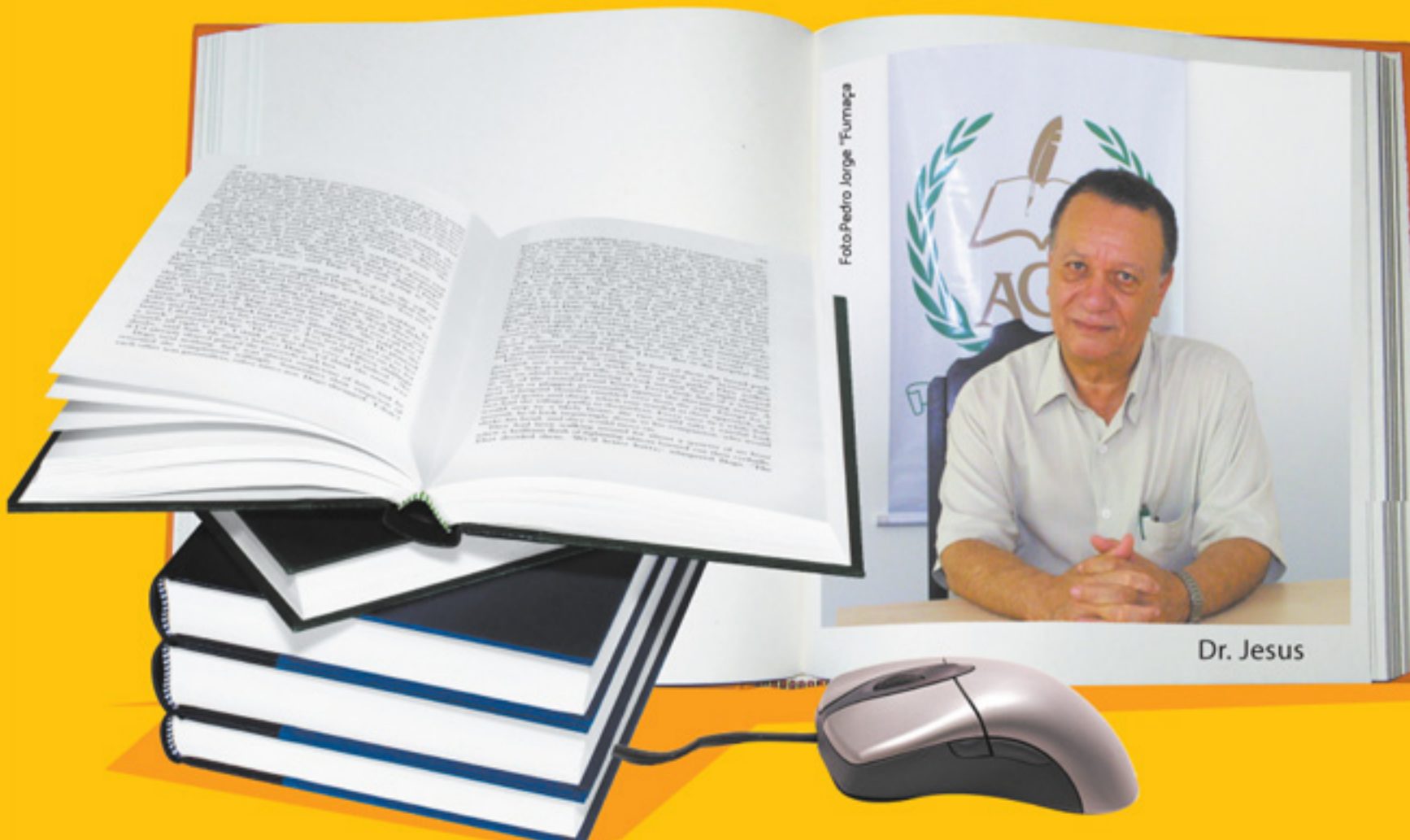
*o palhaço o que é?
-é ladrão de mulher!*

*"o peta, o que é?
-ele é o que quiser!"*

*puro, santo
atéu, judeu,
vitima, réu,
profano insano,
equilibrista, ecologista,
argonauta, internauta,
errante, amante
tresloucado, namorado.*

seu ofício?

-versejar!



Dr. Jesus